

## DOMINGO DE PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

### CIC 638-655, 989, 1001-1002: a Ressurreição de Cristo e a nossa ressurreição

**638** «Nós vos anunciamos a Boa-Nova de que a promessa feita aos nossos pais, a cumpriu Deus para nós, seus filhos, ao ressuscitar Jesus» (*Act* 13, 32-33). A ressurreição de Jesus é a verdade culminante da nossa fé em Cristo, acreditada e vivida como verdade central pela primeira comunidade cristã, transmitida como fundamental pela Tradição, estabelecida pelos documentos do Novo Testamento, pregada como parte essencial do mistério pascal, ao mesmo tempo que a cruz:

«Cristo ressuscitou dos mortos.  
Pela Sua morte venceu a morte,  
e aos mortos deu a vida»<sup>1</sup>.

**639** O mistério da ressurreição de Cristo é um acontecimento real, com manifestações historicamente verificadas, como atesta o Novo Testamento. Já São Paulo, por volta do ano 56, pôde escrever aos Coríntios: «Transmiti-vos, em primeiro lugar, o mesmo que havia recebido: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras: a seguir, apareceu a Pedro, depois aos Doze» (*1 Cor* 15, 3-4). O Apóstolo fala aqui da *tradição viva da ressurreição*, de que tinha tomado conhecimento após a sua conversão, às portas de Damasco<sup>2</sup>.

**640** «Por que motivo procurais entre os mortos Aquele que está vivo? Não está aqui, ressuscitou» (*Lc* 24, 5-6). No quadro dos acontecimentos da Páscoa, o primeiro elemento que se nos oferece é o sepulcro vazio. Isso não é, em si, uma prova directa. A ausência do corpo de Cristo do sepulcro poderia explicar-se doutro modo<sup>3</sup>. Apesar disso, o sepulcro vazio constitui, para todos, um sinal essencial. A descoberta do facto pelos discípulos foi o primeiro passo para o reconhecimento do facto da ressurreição. Foi, primeiro, o caso das santas mulheres<sup>4</sup>, depois o de Pedro<sup>5</sup>. «O discípulo que Jesus amava» (*Jo* 20, 2) afirma que, ao entrar no sepulcro vazio e ao descobrir «os lençóis no chão» (*Jo* 20, 6), «viu e acreditou»<sup>6</sup>; o que supõe que ele terá verificado, pelo estado em que ficou o sepulcro vazio<sup>7</sup>, que a ausência do corpo de Jesus não podia ter sido obra humana e que Jesus não tinha simplesmente regressado a uma vida terrena, como fora o caso de Lázaro<sup>8</sup>.

<sup>1</sup> *Liturgia bizantina, Tropário no dia de Páscoa: «Pentêkostáron»* (Romae 1884) p.6.

<sup>2</sup> Cf. *Act* 9, 3-18.

<sup>3</sup> Cf. *Jo* 20, 13; *Mt* 28, 11-15.

<sup>4</sup> Cf. *Lc* 24, 3.22-23.

<sup>5</sup> Cf. *Lc* 24, 12.

<sup>6</sup> Cf. *Jo* 20, 8.

<sup>7</sup> Cf. *Jo* 20, 5-7.

<sup>8</sup> Cf. *Jo* 11, 44.

- 641** Maria Madalena e as santas mulheres, que vinham para acabar de embalsamar o corpo de Jesus<sup>9</sup>, sepultado à pressa por causa do início do Sábado, no fim da tarde de Sexta-feira Santa<sup>10</sup>, foram as primeiras a encontrar-se com o Ressuscitado<sup>11</sup>. Assim, as mulheres foram as primeiras mensageiras da ressurreição de Cristo para os próprios Apóstolos<sup>12</sup>. Em seguida, foi a eles que Jesus apareceu: primeiro a Pedro, depois aos Doze<sup>13</sup>. Pedro, incumbido de consolidar a fé dos seus irmãos<sup>14</sup>, vê, portanto, o Ressuscitado antes deles e é com base no seu testemunho que a comunidade exclama: «Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão» (*Lc 24, 34.36*).
- 642** Tudo quanto aconteceu nestes dias pascaís empenha cada um dos Apóstolos – e muito particularmente Pedro – na construção da era nova, que começa na manhã do dia de Páscoa. Como testemunhas do Ressuscitado, eles são as pedras do alicerce da sua Igreja. A fé da primeira comunidade dos crentes está fundada no testemunho de homens concretos, conhecidos dos cristãos e, a maior parte, vivendo ainda entre eles. Estas «testemunhas da ressurreição de Cristo»<sup>15</sup> são, em primeiro lugar, Pedro e os Doze. Mas há outros: Paulo fala claramente de mais de quinhentas pessoas às quais Jesus apareceu em conjunto, além de Tiago e de todos os Apóstolos<sup>16</sup>.
- 643** Perante estes testemunhos, é impossível interpretar a ressurreição de Cristo fora da ordem física e não a reconhecer como um facto histórico. Resulta, dos factos, que a fé dos discípulos foi submetida à prova radical da paixão e morte de cruz do seu Mestre, por este de antemão anunciada<sup>17</sup>. O abalo provocado pela paixão foi tão forte que os discípulos (pelo menos alguns) não acreditaram imediatamente na notícia da ressurreição. Longe de nos apresentar uma comunidade tomada de exaltação mística, os evangelhos apresentam-nos os discípulos abatidos (de «rosto sombrio»: *Lc 24, 17*) e apavorados<sup>18</sup>. Foi por isso que não acreditaram nas santas mulheres, regressadas da sua visita ao túmulo, e «as suas narrativas pareceram-lhe um desvario» (*Lc 24, 11*)<sup>19</sup>. Quando Jesus apareceu aos onze, na tarde do dia de Páscoa, «censurou-lhes a falta de fé e a teimosia em não quererem acreditar naqueles que O tinham visto ressuscitado» (*Mc 16, 14*).
- 644** Mesmo confrontados com a realidade de Jesus Ressuscitado, os discípulos ainda duvidam<sup>20</sup>, de tal modo isso lhes parecia impossível: julgavam ver um fantasma<sup>21</sup>. «Por causa da alegria, estavam ainda sem querer acreditar e cheios de assombro» (*Lc 24, 41*). Tomé experimentará a mesma provação da dúvida<sup>22</sup>,

<sup>9</sup> Cf. *Mc 16, 1*; *Lc 24, 1*.

<sup>10</sup> Cf. *Jo 19, 31.42*.

<sup>11</sup> Cf. *Mt 28, 9-10*; *Jo 20, 11-18*.

<sup>12</sup> Cf. *Lc 24, 9-10*.

<sup>13</sup> Cf. *I Cor 15, 5*.

<sup>14</sup> Cf. *Lc 22, 31-32*.

<sup>15</sup> Cf. *Act 1, 22*.

<sup>16</sup> Cf. *I Cor 15, 4-8*.

<sup>17</sup> Cf. *Lc 22, 31-32*.

<sup>18</sup> Cf. *Jo 20, 19*.

<sup>19</sup> Cf. *Mc 16, 11.13*.

<sup>20</sup> Cf. *Lc 24, 38*.

<sup>21</sup> Cf. *Lc 24, 37*.

<sup>22</sup> Cf. *Jo 20, 24-27*.

e quando da última aparição na Galileia, referida por Mateus, «alguns ainda duvidavam» (*Mt* 28, 17). É por isso que a hipótese, segundo a qual a ressurreição teria sido um «produto» da fé (ou da credulidade) dos Apóstolos, é inconsistente. Pelo contrário, a sua fé na ressurreição nasceu – sob a acção da graça divina – da experiência directa da realidade de Jesus Ressuscitado.

- 645** Jesus Ressuscitado estabeleceu com os seus discípulos relações directas, através do contacto físico<sup>23</sup> e da participação na refeição<sup>24</sup>. Desse modo, convida-os a reconhecer que não é um espírito<sup>25</sup>, e sobretudo a verificar que o corpo ressuscitado, com o qual se lhes apresenta, é o mesmo que foi torturado e crucificado, pois traz ainda os vestígios da paixão<sup>26</sup>. No entanto, este corpo autêntico e real possui, ao mesmo tempo, as propriedades novas dum corpo glorioso: não está situado no espaço e no tempo, mas pode, livremente, tornar-se presente onde e quando quer<sup>27</sup>, porque a sua humanidade já não pode ser retida sobre a terra e já pertence exclusivamente ao domínio divino do Pai<sup>28</sup>. Também por este motivo, Jesus Ressuscitado é soberanamente livre de aparecer como quer: sob a aparência dum jardineiro<sup>29</sup> ou «com um aspecto diferente» (*Mc* 16, 12) daquele que era familiar aos discípulos; e isso, precisamente, para lhes despertar a fé<sup>30</sup>.
- 646** A ressurreição de Cristo não foi um regresso à vida terrena, como no caso das ressurreições que Ele tinha realizado antes da Páscoa: a filha de Jairo, o jovem de Naim e Lázaro. Esses factos eram acontecimentos milagrosos, mas as pessoas miraculadas reencontravam, pelo poder de Jesus, uma vida terrena «normal»; em dado momento, voltariam a morrer. A ressurreição de Cristo é essencialmente diferente. No seu corpo ressuscitado, Ele passa do estado de morte a uma outra vida, para além do tempo e do espaço. O corpo de Cristo é, na ressurreição, cheio do poder do Espírito Santo; participa da vida divina no estado da sua glória, de tal modo que São Paulo pode dizer de Cristo que Ele é o «homem celeste»<sup>31</sup>.
- 647** «Oh noite bendita! – canta o «Exultet» pascal – única a ter conhecimento do tempo e da hora em que Cristo ressuscitou do sepulcro»<sup>32</sup>. Com efeito, ninguém foi testemunha ocular do acontecimento da ressurreição propriamente dita e nenhum evangelista o descreve. Ninguém pôde dizer como ela se deu, fisicamente. Ainda menos a sua essência mais íntima, a passagem a uma outra vida, foi perceptível aos sentidos. Acontecimento histórico comprovado pelo sinal do túmulo vazio e pela realidade dos encontros dos Apóstolos com Cristo Ressuscitado, nem por isso a ressurreição deixa de estar, naquilo em que transcende e ultrapassa a história, no próprio centro do mistério da fé.

<sup>23</sup> Cf. *Lc* 24, 39; *Jo* 20, 27.

<sup>24</sup> Cf. *Lc* 24, 30.41-43; *Jo* 21, 9.13-15.

<sup>25</sup> Cf. *Lc* 24, 39.

<sup>26</sup> Cf. *Lc* 24, 40; *Jo* 20, 20.27.

<sup>27</sup> Cf. *Mt* 28, 9.16-17; *Lc* 24, 15.36; *Jo* 20, 14.19.26; 21, 4.

<sup>28</sup> Cf. *Jo* 20, 17.

<sup>29</sup> Cf. *Jo* 20, 14-15.

<sup>30</sup> Cf. *Jo* 20, 14.16; 21, 4.7.

<sup>31</sup> Cf. *1 Cor* 15, 35-50.

<sup>32</sup> *Vigília Pascal, Precónio Pascal* («Exultet»): *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 272 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 290 e 294].

Foi por isso que Cristo Ressuscitado não Se manifestou ao mundo<sup>33</sup>, mas aos discípulos, «aos que com Ele tinham subido da Galileia a Jerusalém» e que «são agora testemunhas de Jesus junto do povo» (Act 13, 31).

- 648** A ressurreição de Cristo é objecto de fé, na medida em que é uma intervenção transcendente do próprio Deus na criação e na história. Nela, as três pessoas divinas agem em conjunto e manifestam a sua originalidade própria: realizou-se pelo poder do Pai, que «ressuscitou» (Act 2, 24) Cristo seu Filho, e assim introduziu de modo perfeito a sua humanidade – com o seu corpo – na Trindade. Jesus foi divinamente revelado «Filho de Deus em todo o seu poder, pela sua ressurreição de entre os mortos» (Rm 1, 3-4). São Paulo insiste na manifestação do poder de Deus<sup>34</sup> por obra do Espírito, que vivificou a humanidade morta de Jesus e a chamou ao estado glorioso de Senhor.
- 649** Quanto ao Filho, Ele opera a sua própria ressurreição em virtude do seu poder divino. Jesus anuncia que o Filho do Homem deverá sofrer muito, e depois ressuscitar (no sentido activo da palavra<sup>35</sup>). Aliás, é d’Ele esta afirmação explícita: «Eu dou a minha vida para retomá-la... Tenho o poder de a dar e o poder de a retomar» (Jo 10, 17-18). «Nós cremos que ... Jesus morreu e depois ressuscitou» (1 Ts 4, 14).
- 650** Os santos Padres contemplam a ressurreição a partir da pessoa divina de Cristo, que ficou unida à sua alma e ao seu corpo, separados entre si pela morte: «Pela unidade da natureza divina, que continua presente em cada uma das duas partes do homem, estas unem-se de novo. Assim, a morte é produzida pela separação do composto humano e a ressurreição pela união das duas partes separadas»<sup>36</sup>.
- 651** «Se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é vã e também é vã a vossa fé» (1 Cor 15, 14). A ressurreição constitui, antes de mais, a confirmação de tudo quanto Cristo em pessoa fez e ensinou. Todas as verdades, mesmo as mais inacessíveis ao espírito humano, encontram a sua justificação se, ressuscitando, Cristo deu a prova definitiva, que tinha prometido, da sua autoridade divina.
- 652** A ressurreição de Cristo é o *cumprimento das promessas* do Antigo Testamento<sup>37</sup> e do próprio Jesus, durante a sua vida terrena<sup>38</sup>. A expressão «segundo as Escrituras»<sup>39</sup> indica que a ressurreição de Cristo cumpriu essas predições.
- 653** A verdade da *divindade de Jesus* é confirmada pela ressurreição. Ele tinha dito: «Quando elevardes o Filho do Homem, então sabereis que “Eu Sou”» (Jo 8, 28). A ressurreição do Crucificado demonstrou que Ele era verdadeiramente «Eu Sou», o Filho de Deus e Ele próprio Deus. São Paulo pôde declarar aos judeus:

<sup>33</sup> Cf. Jo 14, 22.

<sup>34</sup> Cf. Rm 6, 4; 2 Cor 13, 4; Fl 3, 10; Ef 1, 19-22; Heb 7, 16.

<sup>35</sup> Cf. Mc 8, 31; 9, 9.31; 10, 34.

<sup>36</sup> SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *De tridui inter mortem et resurrectionem Domini nostri Iesu Christi spatio: Gregorii Nysseni opera*, ed. W. JAEGER – H. LANGERBECK, v. 9 (Leiden 1967) p. 293-294 (PG 46, 417B); cf. também *Statuta Ecclesiae Antiqua*: DS 325; ANASTÁSIO II, Ep. *In prolixitate epistulae*: DS 359; SANTO HORMISDA, Ep. *Inter ea quae*: DS 369; XI CONCÍLIO DE TOLEDO, *Symbolum*: DS 539.

<sup>37</sup> Cf. Lc 24, 26-27.44-48.

<sup>38</sup> Cf. Mt 28, 6; Mc 16, 7; Lc 24, 6-7.

<sup>39</sup> Cf. 1 Cor 15, 3-4; *Símbolo Niceno-Constantinopolitano*: DS 150.

«A promessa feita aos nossos pais, cumpriu-a Deus para nós [...] ao ressuscitar Jesus, como está escrito no Salmo segundo: “Tu és meu Filho, Eu gerei-Te hoje”» (Act 13, 32-34)<sup>40</sup>. O mistério da ressurreição de Cristo está estreitamente ligado ao mistério da Encarnação do Filho de Deus. É dele o cumprimento, segundo o desígnio eterno de Deus.

**654** Existe um duplo aspecto no mistério pascal: pela sua morte, Cristo liberta-nos do pecado; pela sua ressurreição, abre-nos o acesso a uma nova vida. Esta é, antes de mais, a *justificação*, que nos repõe na graça de Deus<sup>41</sup>, «para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos [...], também nós vivamos uma vida nova» (Rm 6, 4). Esta consiste na vitória sobre a morte do pecado e na nova participação na graça<sup>42</sup>; realiza a *adoção filial*, porque os homens tornam-se irmãos de Cristo, como o próprio Jesus chama aos discípulos depois da ressurreição: «Ide anunciar aos meus irmãos» (Mt 28, 10)<sup>43</sup>. Irmãos, não por natureza, mas por dom da graça, porque esta filiação adoptiva proporciona uma participação real na vida do Filho, plenamente revelada na sua ressurreição.

**655** Finalmente, a ressurreição de Cristo – e o próprio Cristo Ressuscitado – é princípio e fonte da *nossa ressurreição futura*: «Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram [...]. Do mesmo modo que em Adão todos morreram, assim também em Cristo serão todos restituídos à vida» (1 Cor 15, 20-22). Na expectativa de que isto se realize, Cristo Ressuscitado vive no coração dos seus fiéis. N’Ele, os cristãos «saboreiam os prodígios do mundo vindouro» (Heb 6, 5) e a sua vida é atraída por Cristo para o seio da vida divina<sup>44</sup>, «para que os vivos deixem de viver para si próprios, mas vivam para Aquele que morreu e ressuscitou por eles» (2 Cor 5, 15).

**989** Nós cremos e esperamos firmemente que, tal como Cristo ressuscitou verdadeiramente dos mortos e vive para sempre, assim também os justos, depois da morte, viverão para sempre com Cristo ressuscitado, e que Ele os ressuscitará no último dia<sup>45</sup>. Tal como a d’Ele, também a nossa ressurreição será obra da Santíssima Trindade:

«Se o Espírito d’Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós» (Rm 8, 11)<sup>46</sup>.

**1001** *Quando?* Definitivamente «no último dia» (Jo 6, 39-40.44.54; 11, 24), «no fim do mundo»<sup>47</sup>. Com efeito, a ressurreição dos mortos está intimamente associada à Parusia de Cristo:

«Ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, o próprio Senhor descerá do céu e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro» (1 Ts 4, 16).

<sup>40</sup> Cf. Sl 2, 7.

<sup>41</sup> Cf. Rm 4, 25.

<sup>42</sup> Cf. Ef 2, 4-5; 1 Pe 1, 3.

<sup>43</sup> Cf. Jo 20, 17.

<sup>44</sup> Cf. Cl 3, 1-3.

<sup>45</sup> Cf. Jo 6, 39-40.

<sup>46</sup> Cf. 1 Ts 4, 14; 1 Cor 6, 14; 2 Cor 4, 14; Fl 3, 10-11.

<sup>47</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 54.

**1002** Se é verdade que Cristo nos há-de ressuscitar «no último dia», também é verdade que, de certo modo, nós já ressuscitámos com Cristo. De facto, graças ao Espírito Santo, a vida cristã é desde já, na terra, uma participação na morte e ressurreição de Cristo:

«Pelo Baptismo fostes sepultados com Cristo e também ressuscitastes com Ele, devido à fé que tivestes na força de Deus, que O ressuscitou dos mortos [...]. Uma vez que ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do Alto, onde Cristo Se encontra sentado à direita de Deus» (Cl 2, 12; 3, 1).

### **CIC 647, 1167-1170, 1243, 1287: a Páscoa, o Dia do Senhor**

**647** «Oh noite bendita! – canta o «Exultet» pascal – única a ter conhecimento do tempo e da hora em que Cristo ressuscitou do sepulcro»<sup>48</sup>. Com efeito, ninguém foi testemunha ocular do acontecimento da ressurreição propriamente dita e nenhum evangelista o descreve. Ninguém pôde dizer como ela se deu, fisicamente. Ainda menos a sua essência mais íntima, a passagem a uma outra vida, foi perceptível aos sentidos. Acontecimento histórico comprovado pelo sinal do túmulo vazio e pela realidade dos encontros dos Apóstolos com Cristo Ressuscitado, nem por isso a ressurreição deixa de estar, naquilo em que transcende e ultrapassa a história, no próprio centro do mistério da fé. Foi por isso que Cristo Ressuscitado não Se manifestou ao mundo<sup>49</sup>, mas aos discípulos, «aos que com Ele tinham subido da Galileia a Jerusalém» e que «são agora testemunhas de Jesus junto do povo» (Act 13, 31).

**1167** O Domingo é o dia por excelência da assembleia litúrgica, em que os fiéis se reúnem «para, ouvindo a Palavra de Deus e participando na Eucaristia, fazerem memória da paixão, ressurreição e glória do Senhor Jesus, e darem graças a Deus, que os “regenerou para uma esperança viva pela ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos”»<sup>50</sup>:

«Quando meditamos, ó Cristo, nas maravilhas que tiveram lugar neste dia de domingo da tua santa ressurreição, dizemos: Bendito o dia de Domingo, porque nele teve início a criação [...] a salvação do mundo [...] a renovação do género humano [...]. Foi nesse dia que o céu e a terra se congratularam e que todo o universo se encheu de luz. Bendito o dia de Domingo, porque nele foram abertas as portas do paraíso, para que Adão e todos os deportados nele entrassem sem temor»<sup>51</sup>.

**1168** Partindo do Tríduo Pascal, como da sua fonte de luz, o tempo novo da ressurreição enche todo o ano litúrgico da sua claridade. Progressivamente, dum lado e doutro desta fonte, o ano é transfigurado pela liturgia. Ele é realmente o «ano da graça do Senhor»<sup>52</sup>. A economia da salvação realiza-se no quadro do tempo, mas a partir do seu cumprimento na Páscoa de Jesus e da efusão do Espírito

<sup>48</sup> *Vigília Pascal, Precónio Pascal* («Exsultet»): *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 272 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 290 e 294].

<sup>49</sup> Cf. Jo 14, 22.

<sup>50</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 106: AAS 56 (1964) 126.

<sup>51</sup> *Fanqîth, Breviarium iuxta Ecclesiae Antiochenae Syrorum*, v. 6, (Mossul 1886) p. 193b.

<sup>52</sup> Cf. Lc 4, 19.

Santo, o fim da história é antecipado, pregustado, e o Reino de Deus entra no nosso tempo.

- 1169** É por isso que a *Páscoa* não é simplesmente uma festa entre outras: é a «festa das festas», a «solenidade das solenidades», tal como a Eucaristia é o sacramento dos sacramentos (o grande sacramento). Santo Atanásio chama-lhe «o grande domingo»<sup>53</sup>, tal como a Semana Santa é chamada no Oriente «a semana maior». O mistério da ressurreição, em que Cristo aniquilou a morte, penetra no nosso velho tempo com a sua poderosa energia, até que tudo Lhe seja submetido.
- 1170** No Concílio de Niceia (em 325), todas as Igrejas acordaram que a Páscoa cristã fosse celebrada no domingo a seguir à lua cheia (14 de Nisan), depois do equinócio da Primavera. Devido a diferentes métodos usados para calcular o dia 14 de Nisan, a data da Páscoa nem sempre coincide nas Igrejas do Ocidente e do Oriente. Por isso, estas Igrejas procuram hoje um acordo, para chegarem de novo a celebrar numa data comum o dia da ressurreição do Senhor.
- 1243** A *veste branca* simboliza que o baptizado «se revestiu de Cristo»<sup>54</sup>: ressuscitou com Cristo. A *vela*, acesa no círio pascal, significa que Cristo iluminou o neófito. Em Cristo, os baptizados são «a luz do mundo» (*Mt* 5, 14)<sup>55</sup>. O recém-baptizado é agora filho de Deus no seu Filho Único e pode dizer a oração dos filhos de Deus: O *Pai-Nosso*.
- 1287** Ora, esta plenitude do Espírito não devia permanecer unicamente no Messias: devia ser comunicada *a todo o povo messiânico*<sup>56</sup>. Repetidas vezes, Cristo prometeu esta efusão do Espírito<sup>57</sup>, promessa que cumpriu, primeiro no dia de Páscoa<sup>58</sup> e depois, de modo mais esplêndido, no dia de Pentecostes<sup>59</sup>. Cheios do Espírito Santo, os Apóstolos começaram a proclamar «as maravilhas de Deus» (*Act* 2, 11) e Pedro declarou que esta efusão do Espírito era o sinal dos tempos messiânicos<sup>60</sup>. Aqueles que então acreditaram na pregação apostólica, e se fizeram baptizar, receberam, por seu turno, o dom do Espírito Santo<sup>61</sup>.

#### **CIC 1212: os sacramentos da iniciação cristã**

- 1212** Através dos sacramentos da iniciação cristã – Baptismo, Confirmação e Eucaristia – são lançados os *alicerces* de toda a vida cristã. «A participação na natureza divina, dada aos homens pela graça de Cristo, comporta uma certa analogia com a origem, crescimento e sustento da vida natural. Nascidos para uma vida nova pelo Baptismo, os fiéis são efectivamente fortalecidos pelo sacramento da Confirmação e recebem na Eucaristia o Pão da vida eterna.

<sup>53</sup> SANTO ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, *Epistula festivalis* 1 (em 329), 10: PG 26, 1366.

<sup>54</sup> Cf. *Gl* 3, 27.

<sup>55</sup> Cf. *Fl* 2, 15.

<sup>56</sup> Cf. *Ez* 36, 25-27; *Jl* 3, 1-2.

<sup>57</sup> Cf. *Lc* 12, 12; *Jo* 3, 5-8; 7, 37-39; 16, 7-15; *Act* 1, 8.

<sup>58</sup> Cf. *Jo* 20, 22.

<sup>59</sup> Cf. *Act* 2, 1-4.

<sup>60</sup> Cf. *Act* 2, 17-18.

<sup>61</sup> Cf. *Act* 2, 38.

Assim, por estes sacramentos da iniciação cristã, eles recebem cada vez mais riquezas da vida divina e avançam para a perfeição da caridade”<sup>62</sup>.

### CIC 1214-1222, 1226-1228, 1234-1245, 1254: o Baptismo

**1214** Chama-se *Baptismo*, por causa do rito central com que se realiza: *baptizar* (*baptizein*, em grego) significa «mergulhar», «imersão». A «imersão» na água simboliza a sepultura do catecúmeno na morte de Cristo, de onde sai pela ressurreição com Ele<sup>63</sup> como «nova criatura» (2 Cor 5, 17; Gl 6, 15).

**1215** Este sacramento é também chamado «*banho da regeneração e da renovação no Espírito Santo*» (Tt 3,5), porque significa e realiza aquele nascimento da água e do Espírito, sem o qual «ninguém pode entrar no Reino de Deus» (Jo 3, 5).

**1216** «Este banho é chamado *iluminação*, porque aqueles que recebem este ensinamento [catequético] ficam com o espírito iluminado...»<sup>64</sup>. Tendo recebido no Baptismo o Verbo, «luz verdadeira que ilumina todo o homem» (Jo 1, 9), o baptizado, «depois de ter sido iluminado»<sup>65</sup>, tornou-se «filho da luz»<sup>66</sup> e ele próprio «luz» (Ef 5, 8):

«O Baptismo é o mais belo e magnífico dos dons de Deus [...] Chamamos-lhe dom, graça, unção, iluminação, veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo e tudo o que há de mais precioso. *Dom*, porque é conferido àqueles que não trazem nada; *graça*, porque é dado mesmo aos culpados; *baptismo*, porque o pecado é sepultado nas águas; *unção*, porque é sagrado e régio (como aqueles que são ungidos); *iluminação*, porque é luz irradiante; *veste*, porque cobre a nossa vergonha; *banho*, porque lava; *selo*, porque nos guarda e é sinal do senhorio de Deus»<sup>67</sup>.

**1217** Na liturgia da Vigília Pascal, aquando da *bênção da água baptismal*, a Igreja faz solenemente memória dos grandes acontecimentos da história da salvação que prefiguravam já o mistério do Baptismo:

«Senhor nosso Deus: pelo vosso poder invisível, realizais maravilhas nos vossos sacramentos. Ao longo dos tempos, preparastes a água para manifestar a graça do Baptismo»<sup>68</sup>.

**1218** Desde o princípio do mundo, a água, esta criatura humilde e admirável, é a fonte da vida e da fecundidade. A Sagrada Escritura vê-a como «incubada» pelo Espírito de Deus<sup>69</sup>:

<sup>62</sup> PAULO VI, Const. Ap. *Divinae consortium naturae*: AAS 63 (1971) 657; cf. *Ordo initiationis christianae adultorum*, Praenotanda 1-2 (Typis Polyglottis Vaticanis 1972) p. 7 [*Iniciação cristã dos adultos*, Segunda Edição, Preliminares, 1-2 (Coimbra, Gráfica de Coimbra – Conferência Episcopal Portuguesa, 1996) p. 9-10].

<sup>63</sup> Cf. *Rm* 6, 3-4; *Cl* 2, 12.

<sup>64</sup> SÃO JUSTINO, *Apologia* 1, 61: CA 1, 168 (PG 6, 421).

<sup>65</sup> Cf. *Heb* 10, 32.

<sup>66</sup> Cf. *1 Ts* 5, 5.

<sup>67</sup> SÃO GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Oratio* 40, 3-4: SC 358, 202-204 (PG 36, 361-364).

<sup>68</sup> *Vigília Pascal, Bênção da água: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 283 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 315].

<sup>69</sup> Cf. *Gn* 1, 2.

«Logo no princípio do mundo, o vosso Espírito pairava sobre as águas, para que já desde então concebessem o poder de santificar»<sup>70</sup>.

**1219** A Igreja viu na arca de Noé uma prefiguração da salvação pelo Baptismo. Com efeito, graças a ela, «um pequeno grupo, ao todo oito pessoas, foram salvas pela água» (1 Pe 3, 20):

«Nas águas do dilúvio, destes-nos uma imagem do Baptismo, sacramento da vida nova, porque as águas significam ao mesmo tempo o fim do pecado e o princípio da santidade»<sup>71</sup>.

**1220** Se a água de nascente simboliza a vida, a água do mar é um símbolo da morte. Por isso é que podia prefigurar o mistério da cruz. E por este simbolismo, o Baptismo significa a comunhão com a morte de Cristo.

**1221** É sobretudo a travessia do Mar Vermelho, verdadeira libertação de Israel da escravidão do Egito, que anuncia a libertação operada pelo Baptismo:

«Aos filhos de Abraão fizestes atravessar a pé enxuto o Mar Vermelho, para que esse povo, liberto da escravidão, fosse a imagem do povo santo dos baptizados»<sup>72</sup>.

**1222** Finalmente, o Baptismo é prefigurado na travessia do Jordão, graças à qual o povo de Deus recebe o dom da terra prometida à descendência de Abraão, imagem da vida eterna. A promessa desta herança bem-aventurada cumpre-se na Nova Aliança.

**1226** Desde o dia de Pentecostes que a Igreja vem celebrando e administrando o santo Baptismo. Com efeito, São Pedro declara à multidão, abalada pela sua pregação: «convertei-vos e peça cada um de vós o Baptismo em nome de Jesus Cristo, para vos serem perdoados os pecados. Recebereis então o dom do Espírito Santo» (Act 2, 38). Os Apóstolos e os seus colaboradores oferecem o Baptismo a quem quer que acredite em Jesus: judeus, pessoas tementes a Deus, pagãos<sup>73</sup>. O Baptismo aparece sempre ligado à fé: «Acredita no Senhor Jesus e serás salvo juntamente com a tua família», declara São Paulo ao seu carcereiro em Filipos. E a narrativa continua: «o carcereiro [...] logo recebeu o Baptismo, juntamente com todos os seus» (Act 16, 31-33).

**1227** Segundo o apóstolo São Paulo, pelo Baptismo o crente comunga na morte de Cristo; é sepultado e ressuscita com Ele:

«Todos nós, que fomos baptizados em Cristo Jesus, fomos baptizados na sua morte. Fomos sepultados com Ele pelo baptismo na morte, para que,

<sup>70</sup> *Vigília Pascal, Bênção da água: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 283 [A tradução oficial portuguesa desta oração não inclui a metáfora da «concepção»: «Logo no princípio do mundo, o vosso Espírito pairava sobre as águas, prefigurando o seu poder de santificar»: *Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 315].

<sup>71</sup> *Vigília Pascal, Bênção da água: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 283 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 315].

<sup>72</sup> *Vigília Pascal, Bênção da água: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 283 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 315].

<sup>73</sup> Cf. Act 2, 41: 8, 12-13; 10, 48; 16, 15.

assim como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova» (*Rm 6, 3-4*)<sup>74</sup>.

Os batizados «revestem-se de Cristo»<sup>75</sup>. Pelo Espírito Santo, o Batismo é um banho que purifica, santifica e justifica<sup>76</sup>.

- 1228** O Batismo é, pois, um banho de água, no qual «a semente incorruptível» da Palavra de Deus produz o seu efeito vivificador<sup>77</sup>. Santo Agostinho dirá do Batismo: «*Accedit verbum ad elementum, et fit sacramentum* – Junta-se a palavra ao elemento material e faz-se o sacramento»<sup>78</sup>.
- 1234** O sentido e a graça do sacramento do Batismo aparecem claramente nos ritos da sua celebração. Seguindo, com participação atenta, os gestos e as palavras desta celebração, os fiéis são iniciados nas riquezas que este sacramento significa e realiza em cada novo batizado.
- 1235** O  *sinal da cruz*, no princípio da celebração, manifesta a marca de Cristo impressa naquele que vai passar a pertencer-Lhe, e significa a graça da redenção que Cristo nos adquiriu pela sua cruz.
- 1236** O  *anúncio da Palavra de Deus* ilumina com a verdade revelada os candidatos e a assembleia e suscita a resposta da fé, inseparável do Batismo. Na verdade, o Batismo é, de modo particular, o «sacramento da fé», uma vez que é a entrada sacramental na vida da fé.
- 1237** E porque o Batismo significa a libertação do pecado e do diabo, seu instigador, pronuncia-se sobre o candidato um ou vários  *exorcismos*. Ele é ungido com o óleo dos catecúmenos ou, então, o celebrante impõe-lhe a mão e ele renuncia expressamente a Satanás. Assim preparado, pode  *professar a fé da Igreja*, à qual será «confiado» pelo Batismo<sup>79</sup>.
- 1238** A  *água baptismal* é então consagrada por uma oração de epiclese (ou no próprio momento, ou na Vigília Pascal). A Igreja pede a Deus que, pelo seu Filho, o poder do Espírito Santo desça a esta água, para que os que nela forem batizados «nasçam da água e do Espírito» (*Jo 3, 5*).
- 1239** Segue-se o  *rito essencial* do sacramento: o  *baptismo* propriamente dito, que significa e realiza a morte para o pecado e a entrada na vida da Santíssima Trindade, através da configuração com o mistério pascal de Cristo. O Batismo é realizado, do modo mais significativo, pela tríplice imersão na água baptismal; mas, desde tempos antigos, pode também ser conferido derramando por três vezes água sobre a cabeça do candidato.

<sup>74</sup> Cf. *Cl 2, 12*.

<sup>75</sup> Cf. *Gl 3, 27*.

<sup>76</sup> Cf. *1 Cor 6, 11; 12, 13*.

<sup>77</sup> Cf. *1 Pe 1, 23; Ef 5, 26*.

<sup>78</sup> SANTO AGOSTINHO, *In Iohannis evangelium tractatus* 80, 3: CCL 36, 529 (PL 35, 1840).

<sup>79</sup> Cf. *Rm 6, 17*.

- 1240** Na Igreja latina, esta tríplice infusão é acompanhada pelas palavras do ministro: «N., eu te baptizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo». Nas liturgias orientais, estando o catecúmeno voltado para o Oriente, o sacerdote diz: «O servo de Deus N. é baptizado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo»; e à invocação de cada pessoa da Santíssima Trindade, mergulha-o e retira-o da água.
- 1241** A *unção com o santo crisma*, óleo perfumado que foi consagrado pelo bispo, significa o dom do Espírito Santo ao novo baptizado. Ele tornou-se cristão, quer dizer, «ungido» pelo Espírito Santo, incorporado em Cristo, que foi unguido sacerdote, profeta e rei<sup>80</sup>.
- 1242** Na liturgia das Igrejas do Oriente, a unção pós-baptismal é o sacramento da Crismação (Confirmação). Na liturgia romana, anuncia uma segunda unção com o santo Crisma, que será dada pelo bispo: o sacramento da Confirmação que, por assim dizer, «confirma» e completa a unção baptismal.
- 1243** A *veste branca* simboliza que o baptizado «se revestiu de Cristo»<sup>81</sup>: ressuscitou com Cristo. A *vela*, acesa no círio pascal, significa que Cristo iluminou o neófito. Em Cristo, os baptizados são «a luz do mundo» (Mt 5, 14)<sup>82</sup>. O recém-baptizado é agora filho de Deus no seu Filho Único e pode dizer a oração dos filhos de Deus: O *Pai-Nosso*.
- 1244** A *primeira Comunhão eucarística*. Tornando filho de Deus, revestido da veste nupcial, o neófito é admitido «ao banquete das núpcias do Cordeiro» e recebe o alimento da vida nova, o corpo e sangue de Cristo. As Igrejas orientais conservam uma consciência viva da unidade da iniciação cristã, dando a sagrada Comunhão a todos os novos baptizados e confirmados, mesmo às criancinhas, lembrando a palavra do Senhor: «Deixai vir a Mim as criancinhas, não as estorveis» (Mc 10, 14). A Igreja latina, que reserva o acesso à sagrada Comunhão para aqueles que atingiram o uso da razão, exprime a abertura do Baptismo em relação à Eucaristia aproximando do altar a criança recém-baptizada para a oração do *Pai Nosso*.
- 1245** A celebração do Baptismo conclui-se com a *bênção solene*. Aquando do Baptismo de recém-nascidos, a bênção da mãe ocupa um lugar especial.
- 1254** Em todos os baptizados, crianças ou adultos, a fé deve crescer *depois* do Baptismo. É por isso que a Igreja celebra todos os anos, na Vigília Pascal, a renovação das promessas do Baptismo. A preparação para o Baptismo conduz apenas ao umbral da vida nova. O Baptismo é a fonte da vida nova em Cristo, donde jorra toda a vida cristã.

<sup>80</sup> Cf. *Ordo Baptismi parvulorum*, 62 (Typis Polyglottis Vaticanis 1969) p. 32 [*Celebração do Baptismo das crianças*, 62, Segunda edição típica (Coimbra, Gráfica de Coimbra – Conferência Episcopal Portuguesa, 1994), p.61].

<sup>81</sup> Cf. *Gl* 3, 27.

<sup>82</sup> Cf. *Fl* 2, 15.

## CIC 1286-1289: a Confirmação

- 1286** No *Antigo Testamento*, os profetas anunciaram que o Espírito do Senhor repousaria sobre o Messias esperado<sup>83</sup>, em vista da sua missão salvífica<sup>84</sup>. A descida do Espírito Santo sobre Jesus, aquando do seu baptismo por João, foi o sinal de que era Ele o que havia de vir, de que era o Messias, o Filho de Deus<sup>85</sup>. Concebido pelo poder do Espírito Santo, toda a sua vida e toda a sua missão se realizam numa comunhão total com o mesmo Espírito Santo, que o Pai Lhe dá «sem medida» (*Jo* 3, 34).
- 1287** Ora, esta plenitude do Espírito não devia permanecer unicamente no Messias: devia ser comunicada *a todo o povo messiânico*<sup>86</sup>. Repetidas vezes, Cristo prometeu esta efusão do Espírito<sup>87</sup>, promessa que cumpriu, primeiro no dia de Páscoa<sup>88</sup> e depois, de modo mais esplêndido, no dia de Pentecostes<sup>89</sup>. Cheios do Espírito Santo, os Apóstolos começaram a proclamar «as maravilhas de Deus» (*Act* 2, 11) e Pedro declarou que esta efusão do Espírito era o sinal dos tempos messiânicos<sup>90</sup>. Aqueles que então acreditaram na pregação apostólica, e se fizeram baptizar, receberam, por seu turno, o dom do Espírito Santo<sup>91</sup>.
- 1288** «A partir de então, os Apóstolos, para cumprirem a vontade de Cristo, comunicaram aos neófitos, pela imposição das mãos, o dom do Espírito para completar a graça do Baptismo<sup>92</sup>. É por isso que, na Epístola aos Hebreus, se menciona, entre os elementos da primeira instrução cristã, a doutrina sobre os Baptismos e também sobre a imposição das mãos<sup>93</sup>. A imposição das mãos é justificadamente reconhecida, pela Tradição católica, como a origem do sacramento da Confirmação que, de certo modo, perpetua na Igreja a graça do Pentecostes»<sup>94</sup>.
- 1289** Bem cedo, para melhor significar o dom do Espírito Santo, se acrescentou à imposição das mãos uma unção com óleo perfumado (crisma). Esta unção ilustra o nome de «cristão», que significa «ungido», e que vai buscar a sua origem ao próprio nome de Cristo, aquele que «Deus ungiu com o Espírito Santo» (*Act* 10, 38). E este rito da unção mantém-se até aos nossos dias, tanto no Oriente como no Ocidente. É por isso que, no Oriente, este sacramento se chama *crismação* (= unção do crisma), ou *myron*, que significa «crisma». No Ocidente, o nome de *Confirmação* sugere que este sacramento confirma o Baptismo e, ao mesmo tempo, consolida a graça baptismal.

<sup>83</sup> Cf. *Is* 11, 2.

<sup>84</sup> Cf. *Lc* 4, 16-22; *Is* 61, 1.

<sup>85</sup> Cf. *Mt* 3, 13-17; *Jo* 1, 33-34.

<sup>86</sup> Cf. *Ez* 36, 25-27; *Jl* 3, 1-2.

<sup>87</sup> Cf. *Lc* 12, 12; *Jo* 3, 5-8; 7, 37-39; 16, 7-15; *Act* 1, 8.

<sup>88</sup> Cf. *Jo* 20, 22.

<sup>89</sup> Cf. *Act* 2, 1-4.

<sup>90</sup> Cf. *Act* 2, 17-18.

<sup>91</sup> Cf. *Act* 2, 38.

<sup>92</sup> Cf. *Act* 8, 15-17; 19, 5-6.

<sup>93</sup> Cf. *Heb* 6, 2.

<sup>94</sup> PAULO VI, Const. ap. *Divinae consortium naturae*: AAS 63 (1971) 659.

### **CIC 1322-1323: a Eucaristia**

**1322** A sagrada Eucaristia completa a iniciação cristã. Aqueles que foram elevados à dignidade do sacerdócio real pelo Baptismo e configurados mais profundamente com Cristo pela Confirmação, esses, por meio da Eucaristia, participam, com toda a comunidade, no próprio sacrifício do Senhor.

**1323** «O nosso Salvador instituiu na última ceia, na noite em que foi entregue, o sacrifício eucarístico do seu corpo e sangue, para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até voltar, o sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da glória futura»<sup>95</sup>.

---

<sup>95</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 47: AAS 56 (1964) 113.